

PORTUGÁLIA

NOVA SÉRIE — VOLUME II/III

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

1981/1982

MAZOUCO (FREIXO DE ESPADA-À-CINTA)
— NÓTULA ARQUEOLÓGICA

Vitor Oliveira Jorge, Susana Oliveira Jorge,
Maria de Jesus Sanches e João Pedro Ribeiro

Na freguesia de Mazouco, no extremo Leste trasmontano, junto ao Douro internacional, foram recentemente descobertas as primeiras gravuras paleolíticas de ar livre do território português (1). Trata-se de três figuras zoomórficas, a mais bem conservada das quais corresponde a um cavalo com cerca de 62 cm de comprimento, gravado pela técnica de abrasão, nos xistos do complexo ante-ordovícico. Este animal, na opinião do Prof. Jordá Cerda, da Univ. de Salamanca (2), pode articular-se com exemplares das províncias espanholas de Guadalajara (Los Casares, Riba de Saelices) e de Santander (Hornos de la Pena, San Felices de Buelna), aproximando-se ainda, em certos aspectos, de equídeos existentes nas Astúrias (Pena de Candamo, San Roman de Candamo, e vale do Nalón, estes últimos em curso de estudo pelo Prof. Fortea Perez). Quanto à cronologia, inclina-se o mesmo autor para o estilo IV de Leroi-Gourhan que, como é sabido (3), pertence ao Madalenense médio e recente (III a VI), ou seja, entre 13 000 e 10 000 a. C. aproximadamente. Pôr seu turno, o Prof. A. Moure Romanillo, da Univ. de

Valladolid, aproxima a figura de Mazouco de exemplares da província de Segóvia (Cueva de la Griega, Pedraza), que tem em estudo, acrescentando (4): «talvez estejamos perante uma faceta da arte pré-histórica, ainda desconhecida, que segue o curso do Douro e seus afluentes. Esperemos que no futuro se possa obter mais informações».

Quanto à morfologia do animal representado, parece não haver dúvida de que se trata de um cavalo de tipo «poney», de pequenas proporções, correspondente a um dos dois morfotipos que habitualmente surgem na arte do Paleolítico superior (5).

Publicadas as gravuras rupestres de Mazouco, e alertadas as autarquias locais para a importância da sua protecção, impunha-se ainda realizar um triplo trabalho na área: levantamento da planta e perfil do local, com vista a caracterizá-lo melhor, e a basear um pedido de classificação deste monumento ao Instituto Português do Património Cultural; realização de uma sondagem na curta plataforma existente na zona fronteira ao afloramento gravado; prospecção da região, quer com vista à eventual detecção de quais-

(1) Susana O. Jorge e outros, Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta), *Arqueologia*, n.º 3, Junho 1981, pp. 3-12.

(2) Cf. op. cit. na nota ant., p. 9.

(3) «Prehistoire de l'Art Occidental», Paris, Lucien Mazenod, 1965.

(4) Com pessoal. V. também *Trabajos de Prehistoria*, 38, 1981, p. 104.

(5) B. Madariaga de la Campa, Reflexiones sobre la aportacion de la fauna al estudio del arte rupestre paleolitico cantabrico, *Curso de Arte Rupestre Paleolitico*, Univ. Int. «Menendez Pelayo», 1977, pp. 141-156.

quer outras gravuras do mesmo tipo, quer com o fim de melhor nos apercebermos do seu interesse arqueológico. Estas tarefas foram efectuadas recentemente por uma equipa dirigida pelos signatários (1).

Como dissemos, as gravuras paleolíticas de Mazouço acham-se praticadas numa superfície polida dos xistos luzentes, fronteira à qual se encontra uma pequena plataforma, delimitada por afloramentos de xisto. Essa plataforma tem cerca de 3,70 m de comprimento máximo e 5,60 m, aproximadamente, de largura máxima. A gravura principal está a c- de 1 m do solo. A superfície gravada encontra-se parcialmente protegida dos agentes erosivos por um resalto da rocha, que começa a c. de 2 m do solo, e se prolonga superiormente, numa espessura de aproximadamente 2,80 m. A planta e o perfil do local foram levantados à escala de 1/20.

Toda a área, para cima e para baixo da plataforma, é extremamente alcantilada, dificultando o acesso às gravuras. Somos de parecer que se deve abrir um caminho até ao sítio, construindo uma escada na última parte, mais íngreme, do percurso, e envolvendo a plataforma, pela sua periferia, numa vedação de rede, provida de porta. Toda a plataforma e rochas delimitantes, numa área de, pelo menos, 100 m², deveria ser considerada como área de protecção deste local, cuja classificação foi entretanto solicitada ao IPPC (2).

A sondagem realizada na base da plataforma, por forma a esclarecer o seu enchimento, revelou-se arqueologicamente estéril. Abrimos dois rectângulos paralelos entre si, e perpendiculares à parede gravada, distanciados um do

outro de 50 cm: S 1, com cerca de 3,60 m por 1 m, e S 2, com cerca de 1,40 m, por 0,90 m. A rocha de base (contacto entre os xistos e os granitos) surgiu em ambos os rectângulos de forma imediata (um grande bloco de granito de grão grosso que aflorava originalmente em S 1 e parecia encontrar-se ali tombado, pertencendo afinal à rocha-mãe). Verificámos que na parte mais exterior de S 1 (oposta às gravuras) o enchimento, graças à existência de uma grande laje de xisto ali caída, atingia a espessura máxima de 70 cm; tal enchimento era composto por uma terra humosa castanho-escura, algo argilosa, com abundantes raízes.

No que se refere à prospecção, foram observadas todas as rochas xistosas existentes em torno do local das gravuras, na confluência da ribeira de Albugueira com o Douro; essa observação foi feita em terra e a partir do rio (a irregularidade e inclinação do solo dificultam extremamente a progressão no terreno). Nada de novo foi verificado; é muito provável que tenham existido outras gravuras, mas a fácil esfoliação dos xistos (muitas superfícies apresentam ausência de patina, pelo menos de uma patina escura como é a das que se encontram gravadas) torna muito pouco provável a sua conservação. Por outro lado, sabemos que, com as barragens, o nível da água do rio subiu cerca de 40 m, podendo assim ter submergido gravuras e até eventuais restos de habitat coevos. A chegada, até nós, das gravuras já conhecidas deve considerar-se uma circunstância feliz, resultante de condicionamentos diversos, entre os quais podem encontrar-se a textura particular da rocha (relacionada com o facto de o local precisamente ser uma zona de

(1) Nela participaram, além do Sr. Armando Lopes, de Mazouço, os estudantes universitários Nelson Rebanda, Ana Bettencourt e Isabel Oliveira Jorge, respectivamente das Faculdades de Letras do Porto, Coimbra e Lisboa.

(2) Por despacho do Secretário de Estado da Cultura de 22-IV-82 foi determinada a classificação da estação como imóvel de interesse público.

contactos entre xistos e granitos?), o ângulo da sua exposição aos agentes erosivos, a sua protecção por um ressalto do afloramento xistoso, etc. O facto das gravuras estudadas anteriormente permanecerem como um caso isolado só acentua o seu interesse: trata-se, sem dúvida, de uma das mais relevantes descobertas da Arqueologia portuguesa dos últimos anos.

Para além delas, a importância arqueológica da zona centra-se em épocas pós-pré-históricas. Tal importância parece relacionar-se com o facto de a margem portuguesa do Douro se apresentar localmente menos alcantilada, proporcionando boas condições de acesso, que devem ter condicionado desde remotos tempos a implantação do habitat. No Picão do Castelo, também chamado Castelo dos Man-

ganais (ou Manganeis) na confluência da ribeira do Juncal com o Douro, existe um povoado fortificado, com nítidos restos de muralhas e de casas, à superfície do qual recolhemos cerâmicas (de construção e de recipientes) ⁽⁶⁾. Para norte, na capela de Santana, guarda-se uma cabeça de escultura zoomórfica, enquadrável no vasto conjunto de figuras proto-históricas habitualmente conhecidas pela designação de «berrões» ^(*). Perto, no sítio de Anagácia, têm aparecido mós e cerâmicas. Seria importante um estudo sistemático destes locais, por forma a definir qual a real extensão da implantação proto-histórica, romana e talvez medieval da área contígua ao rio Douro, em contraste com um povoamento posterior, quicá algo mais retraído das margens ⁽¹⁰⁾.

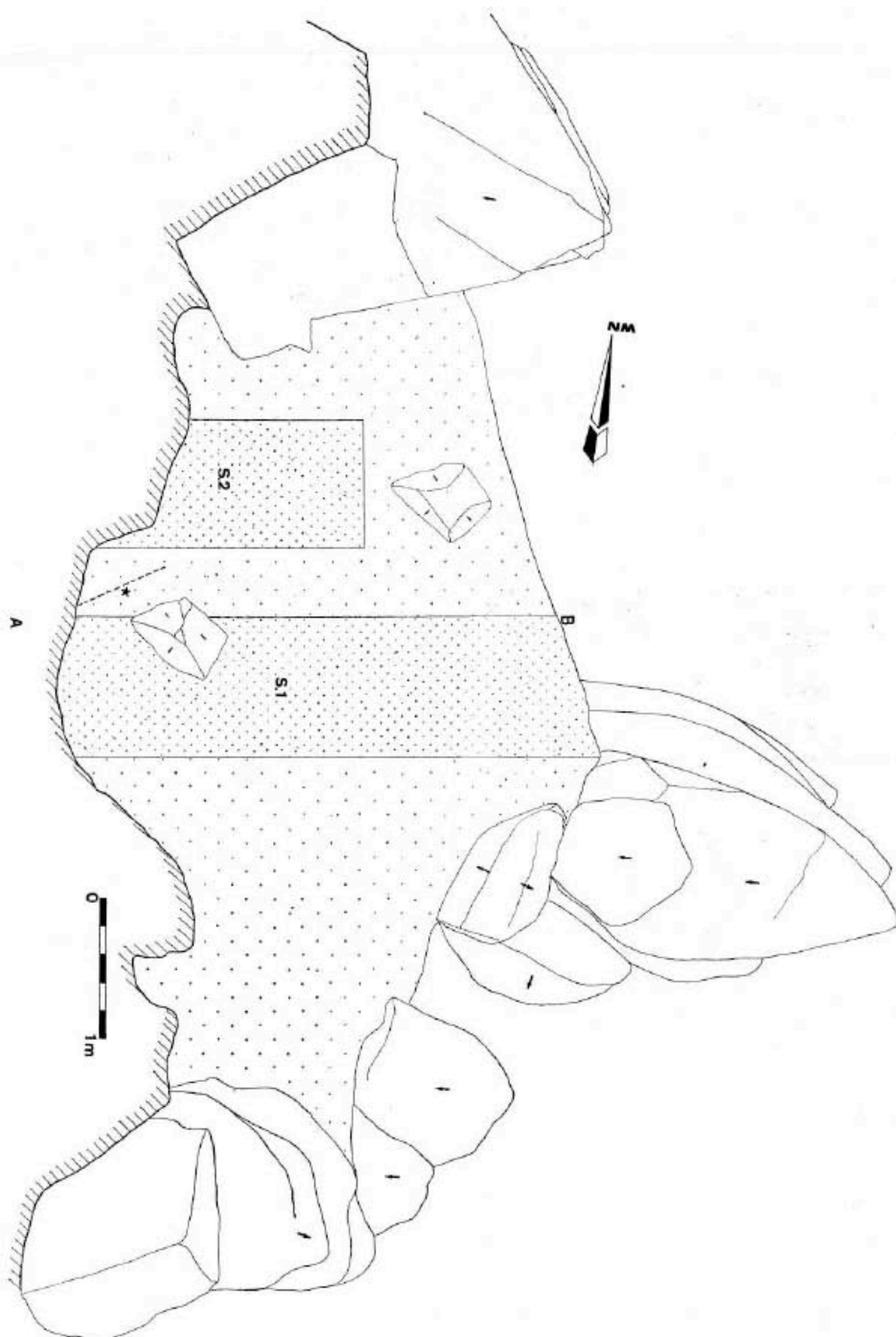
⁽⁶⁾ Segundo a lenda, nestas ruínas do «Castelo» de Manganeis, junto ao «Penedo» (muralhas), ouviu-se o matraquear do tear de uma moura encantada, nas manhãs de S. João (com. Sr. Armando Lopes, de Mazouco).

A este local refere-se F. Manuel Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, IX, 2.^a ed., 1975, p. 466.

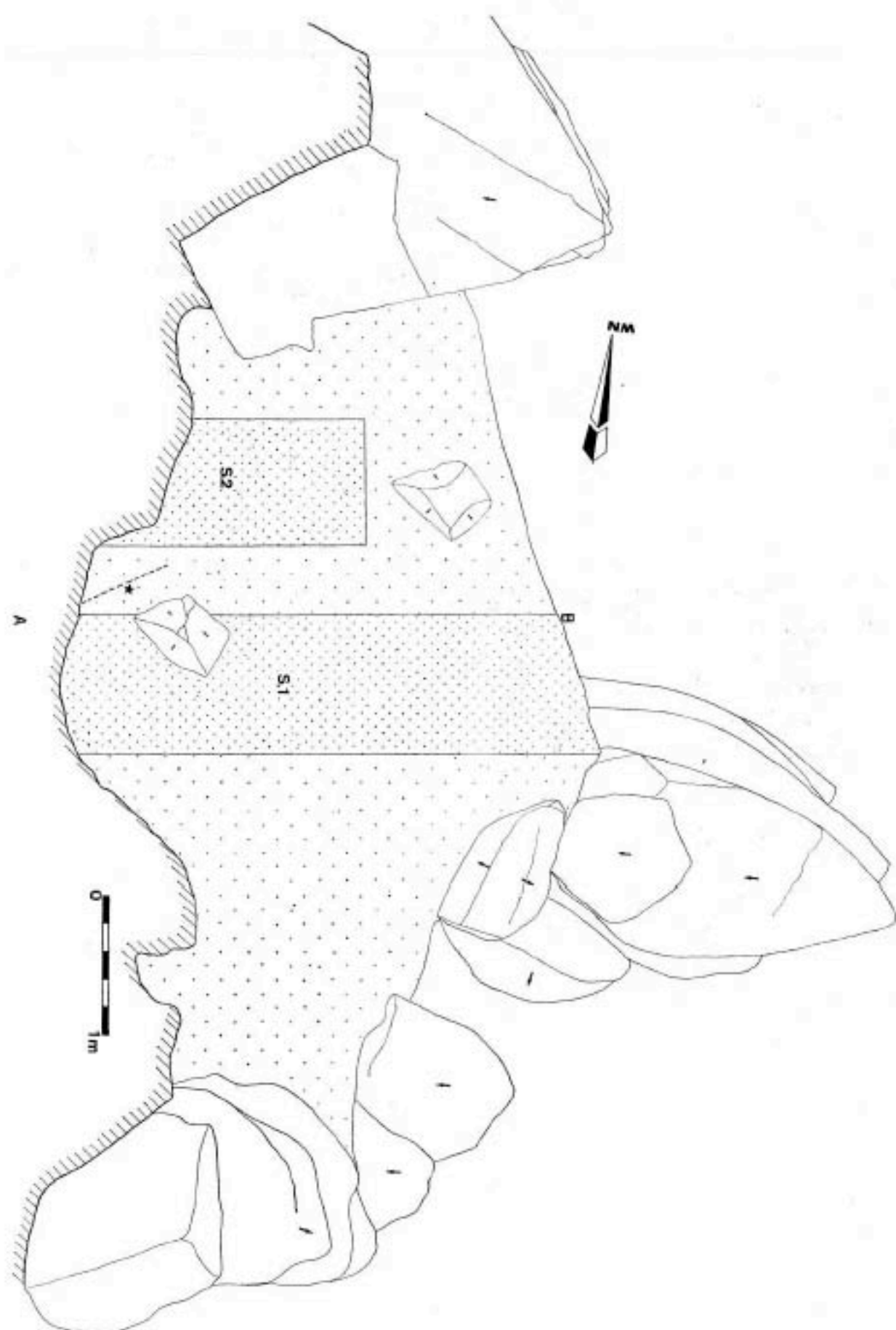
Note-se que a pouco mais de 1 km. para SW deste local se situa a importante estação de Santa Luzia (conhecida como «castro do Monte de Santa Luzia»). Sobre ela, pode consultar-se, de Santos Júnior, A cultura dos Berrões no Nordeste de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXII (4), 1975; idem, Novos elementos da remota zoolatria em Trás-os-Montes, *ib.*, XXIII (1), 1977; idem, Mais um berrão da zona do castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-a-Cinta), *ib.*, XXIII (2-3), 1978. V. também, sobre um outro povoado fortificado do concelho, Santos Júnior, O Castelo dos Mouros, Castro do Monte de S. Paulo e a sua Calçada de Alpajares (Freixo de Espada-a-Cinta), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXIII (4), 1980.

^(*) V. Santos Júnior, Mais três berrões proto-históricos de Freixo de Espada-a-Cinta, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXIV (1), 1981. O autor deste trabalho chama também a atenção para o «Picão da Raposa», a cerca de «duas a três centenas de metros» da capela de Santana, que considera um pequeno castro (op. cit., p. 107).

⁽¹⁰⁾ Os trabalhos realizados em Mazouco foram apoiados pela Câmara Municipal de Freixo de Espada-a-Cinta e pelo Instituto Português do Património Cultural.



Planta do local das gravuras rupestres de Mazouco, vendo-se a implantação das duas sondagens realizadas (S.1 e S.2). Projecção da parede gravada indicada a tracejado, com uma estrela; A-B — localização do perfil da fig. anterior (est. 1-2).



Planta do local das gravuras rupestres de Mazouco, vendo-se a implantação das duas sondagens realizadas (S.1 e S.2). Projecção da parede gravada indicada a tracejado, com uma estrela; A-B — localização do perfil da fig. anterior (est. 1-2).



1 — Localização das gravuras, perto da confluência da ribeira de Albugueira com o Douro, vendo-se o vale daquela ribeira e a actual albufeira deste rio.



2—O local das gravuras visto do rio Douro.



3 — Gravura paleolítica de Mazouco, representando um cavalo (a escala mede c. de 15 cm).